

## *Os motivos da árvore da vida e de dois pregadores metodistas numa gravura anglicana inglesa do século 18*

Helmut Renders<sup>1</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v11i33.42526>

**Resumo:** O artigo interpreta uma gravura anglicana popular que une os motivos religiosos cristãos dos dois caminhos, da porta estreita, da boca do inferno, da nova Jerusalém e da árvore da vida. O método interpretativo segue a proposta de Wölfflin de enfoque no motivo principal – a árvore da vida – e motivos secundários específicos – dois pregadores metodistas – para identificar a narrativa visual principal da gravura. Conclui-se que a gravura transforma um acento chave da teologia wesleyana, a sua ênfase na sinergia divino-humana, ou na complementaridade entre a graça divina e a responsabilidade humana, em uma narrativa visual.

**Palavras-chave:** Linguagens religiosas; cultura visual religiosa; gravuras religiosas; Caminho largo e estreito; Árvore da vida

### **The motifs of the tree of life and two Methodist preachers in an Anglican engraving of the 18th century**

**Abstract:** The article interprets a popular Anglican engraving that unites the Christian religious motives of the two ways, the strait door, the mouth of hell, the New Jerusalem and the Tree of life. The interpretive method follows Wölfflin's proposal to focus on the main motif - the tree of life - and specific secondary motifs - two Methodist preachers -

1Graduação em teologia - Theologisches Seminar der Evangelisch-methodistischen Kirche in Deutschland (RFA, 1987 / convalidado pela Universidade Metodista de São Paulo [Umesp] em 2001) e curso de hebraico - Kirchliche Hochschule Wuppertal (RFA, 1984). Doctor of Ministry - Wesley Seminary Washington, DC (EUA, 1998). Lato Sensu em Ciências da Religião - Umesp (BRA, 2003). Iniciou em 2003 um mestrado em Ciências da Religião (Umesp, BRA), na qualificação transformado em doutorado direto (2004), Doutorado em Ciências da Religião - Umesp (BRA, 2006). Pós-doutorado em Ciência da Religião - Universidade Federal de Juiz de Fora [UFJF] (BRA, 2012). É coordenador e professor associado I do Programa da Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo e da Faculdade de Teologia (Graduação). Tem experiência na área da Teologia e Ciências de Religião e concentra sua pesquisa nas linguagens da religião e suas expressões simbólicas, narrativas, rituais, doutrinários, éticas cultura e os aspectos sociais das culturas visuais religiosas desde o Brasil colônia até hoje. Email: [helmut.renderers@metodista.br](mailto:helmut.renderers@metodista.br)

to identify the main visual narrative of the engraving. It may be concluded that the engraving translates a key accent of Wesleyan theology, its emphasis on divine-human synergy, or the complementarity between divine grace and human responsibility in an image into a visual narrative.

**Keywords:** Religious languages; religious visual culture; religious engravings; broad and the narrow way; tree of Life

### Los motivos del árbol de la vida y de dos predicadores metodistas en un grabado anglicano del siglo 18

**Resumen:** El artículo interpreta un grabado anglicano popular que une los motivos religiosos cristianos de los dos caminos, de la puerta estrecha, de la boca del infierno, de la nueva Jerusalén y del árbol de la vida. El método interpretativo sigue la propuesta de Wölfflin de enfocar en el motivo principal – el árbol de la vida – y motivos secundarios específicos – dos predicadores metodistas – para identificar la narrativa visual principal del grabado. Se concluye que el grabado traduce un acento clave de la teología wesleyana, su énfasis en la sinergia divino-humana, o en la complementariedad entre la gracia divina y la responsabilidad humana, en una narrativa visual.

**Palabras clave:** Lenguajes religiosos; cultura visual religiosa; grabación religiosa; Camino largo y estrecho; árbol de la vida.

Recebido em 23/04/2018 - Aprovado em 21/09/2018

### Introdução

Neste artigo apresentamos uma obra que pertence a um conjunto de gravuras populares ingleses com motivos parecidos, publicadas sob o título a “Árvore da vida”. Queremos entender o conjunto da obra em sua originalidade, com foco na sua ênfase teológica e devocional, considerando que existe um número considerável de outras obras que unem os mesmos motivos dos dois caminhos, da Nova Jerusalém, da árvore da vida, da crucificação, da porta estreita e da porta do inferno em uma só composição, formando assim um gênero composicional próprio<sup>2</sup>. Pertencem ao conjunto uma primeira edição anônima de 1750-1770<sup>3</sup> (figura 20), uma segunda de 1770-1780 impressa por Thomas

<sup>2</sup> Mencionamos aqui somente *De smalle en de brede Weg* de Hieronymus Wierix (1600 e 1616), *Les trois chemins de l'éternité* de François Georjgin (1824) e *Der breite und der schmale Weg* de Charlotte Reihlen (1867).

<sup>3</sup> As referências cronológicas partem das indicações da ficha da obra do Museu Britânico. Entretanto, por indícios internos das obras que envolvem modificações de motivos, propomos uma nova datação das primeiras duas obras.

Kitchin (figura 21), duas gravuras coloridas a mão, uma primeira de 1780, impressa por Browles e Carver (figura 22) e uma segunda publicada por Thompson (figura 23) de 1804.<sup>4</sup> Concentramo-nos na edição de Browles e Carver, com consideração das variações das outras edições.

Como método interpretativo aplicamos a proposto de Heinrich Wölfflin (1864-1945) de identificar o motivo central (*Hauptmotiv*) para depois identificar motivos secundários (WÖLFFLIN, 1915, cap. 16). Quem se aproxima à qualquer uma dessas gravuras captará de imediato a centralidade do motivo de uma árvore (figura 2), com Cristo crucificado nela, para depois identificar os motivos da cidade, da multidão indo na direção da porta do inferno, da porta estreita, enfim, um conjunto de motivos com alto valor simbólico escatológico. Num segundo momento, identifica-se entre a multidão na parte frontal especialmente duas pessoas, George Whitefield (1714-1770) e John Wesley (1703-1791), sacerdotes anglicanos do movimento metodista atuando no século 18 e na época, pessoas públicas amplamente conhecidas. Podemos supor que na época da publicação dessa gravura eles foram identificados de imediato. Sendo tanto o destaque na árvore da vida como nestas duas pessoas, a nossa interpretação deve oscilar ao redor desses motivos, sem ignorar o conjunto também composto por outros motivos clássicos religiosos.

---

<sup>4</sup> Em termos formais seguem todas as edições a estrutura de um emblema, com título, imagem e descrição, apesar de que somente a primeira edição mantém o título acima da imagem: “A árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos” Revelação 22.2.

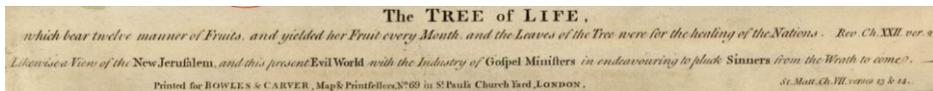
Figura 1: Bowles and Carver. *A árvore da vida* [1780]



Fonte: Acervo de gravuras do Museu Britânico, número de acervo 1935,0522.3.51

A nossa primeira impressão que partiu dos elementos visuais confirma-se quando se lê a *inscriptio*<sup>5</sup> ampliada da própria gravura, encontrada abaixo da imagem (figura 2).

Figura 2: Bowles and Carver. *A árvore da vida* [1780]. Detalhe “*inscriptio*”<sup>6</sup>



Fonte: Acervo de gravuras do Museu Britânico, número de acervo 1935,0522.3.51

- a) A *inscriptio* confirma pelas letras maiúsculas e negritas na primeira linha que o motivo principal da gravura é a árvore da vida o que se confirma, visualmente, pelo seu tamanho e pela sua posição central. As palavras “Árvore da vida” aparecem como as primeiras palavras de uma citação bíblica, com indicação “Revelação 22.2”, apesar de se tratar, exatamente, de Revelação 22.2b.
- b) O segundo destaque na *inscriptio*, pelas letras em negrito na segunda linha, mesmo que numa letra menor, recebe o motivo da *Nova Jerusalém*. Além disso, há uma referência indireta à Nova Jerusalém pelo fato de que o motivo é mencionado na primeira parte de Revelação 22.2 ou de 22.2a, apesar de que seja na própria *inscriptio* não citada<sup>7</sup>;
- c) O terceiro destaque na *inscriptio*, novamente, pelas letras em negrito na segunda linha, ganha o motivo dos “Ministros do evangelho”.
- d) Segue o quarto destaque da *inscriptio*, mais uma vez pelas letras em negrito na segunda linha, que menciona o motivo dos/as pecadores/as;
- e) Finalmente refere-se ao “São Mat[heus] Cap[ítulo] 7 versos 13 & 14”, versículos que se referem aos motivos dos portais e caminhos largos e estreitos. Já uma variação do motivo do portal largo, o motivo da boca ou da porta do inferno, é

<sup>5</sup> Seguimos aqui a nomenclatura de emblemas *inscriptio* (título), *pictura* (imagem) e *subscriptio* (poesia adicional).

<sup>6</sup> Tradução: **A ÁRVORE da VIDA** / [...] *que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos* [nações]. Rev[erência] Cap[ítulo] XXII ver[sículo] 2 / *Da mesma forma, uma visão da nova Jerusalém e do presente mundo maligno, considerando o esforço de ministros do evangelho, tentando preservar os pecadores da ira a vir*” e “*Matens 7.13-14*.”

<sup>7</sup> Revelação 22.2a: “No meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está [a árvore da vida...]”.

anunciada mediante as últimas palavras da segunda linha que se referem à “ira que há de vir”<sup>8</sup>.

Lida dessa forma, a *inscriptio* apresenta uma chave de leitura que nós propomos a seguir. Os motivos da *Árvore da vida* e da *Nova Jerusalém* são na verdade um motivo duplo, mantido vinculado pelo versículo 2 do capítulo 22 do livro da Revelação citado na *inscriptio*. Esta combinação é fundamental: uma cidade qualquer se transforma somente com a árvore na *Nova Jerusalém*, e uma árvore comum se torna *Árvore da vida* enquanto ele cresce dentro da *Nova Jerusalém*. Depois disso refere-se a dois “Ministros do Evangélico”, aos pecadores e às pecadoras, aos dois caminhos e à ira retratada também pela imagem da porta do inferno.

### ***O motivo principal: A árvore da vida localizada na Nova Jerusalém***

A árvore da vida é em termos religiosos um motivo das religiões do mundo (cf. CUSACK, 2011). Na Inglaterra devem ser considerados como fontes primárias desse imaginário a tradição celta e a tradição cristã. Entre o povo celta, a árvore da vida marcava o centro de cada aldeia e simbolizava força, vida, equilíbrio, renascimento (ciclo das quatro estações), proteção e encanto (religioso). As árvores da vida eram vistas como seres espirituais vivos e entradas ou portais para o mundo espiritual. Em situações de guerra, procurava-se cortar a árvore da vida do inimigo.

Na tradição judaica aparece o motivo da árvore [do conhecimento] em Gênesis 2.9 e depois em 3.22-24 como símbolo da fonte da vida eterna. Relevante para nosso motivo é a imagem de uma árvore no Salmo 1.3<sup>9</sup> que contém certos elementos que aparentemente reaparecem em Revelação 22.2<sup>10</sup> e que lembram parcialmente de compreensões simbólicas das culturas mesopotâmicas. Na tradição cristã prevalece, posteriormente, uma interpretação cristológica: tanto a cruz como o próprio Cristo (entre eles, Agostinho<sup>11</sup> e Charles Spurgeon<sup>12</sup>) são considerados a verdadeira árvore da vida e, em um caso, Cristo é visto como fruto da árvore da vida (Bonaventura<sup>13</sup>).

<sup>8</sup> “[...] *wrath to come*”. O motivo de “fugir da ira que há de vir” já nos introduz a um dos pregadores retratados, John Wesley: a única condição de participar no movimento metodista era “o desejo de fugir da ira que há de vir”.

<sup>9</sup> Esse versículo descreve o ideal de fiel judeu: “Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem-sucedido”.

<sup>10</sup> Confira as notas de roda-pé 5 e 4.

<sup>11</sup> “*Esse ibi cum Christo, est ibi esse cum vitae ligno*” (Estar junto ao Cristo é estar junto à árvore da vida; AUGUSTINHO, 419, livro 1, capítulo 15, versículo 26.



Em nossa obra, a árvore é identificada já pela *inscriptio* como árvore da vida e é localizada dentro de uma cidade, também identificada pela *inscriptio*, como a Nova Jerusalém. A *inscriptio* cita Revelação 22 com a sua referência aos doze frutos e a sua função como a cura das nações. Num sentido mais restrito, deve se pensar aqui, primeiro, nos 12 discípulos e, segundo, no povo cristão como povo de Deus que substitui as 12 tribos de Israel. A obra, entretanto, apresenta uma leitura cristológica e salvífica desse tema. O aspecto cristológico é sublinhado pela composição da obra: Imaginando duas diagonais conectando os quatro cantos, eles se cruzam na cabeça do Cristo crucificado. O Cristo crucificado no tronco, lembra ao mesmo tempo, pela posição dos braços, a figura do Atlas que segura o mundo nas suas costas. A organização das palavras encontradas na copa cria também seu sentido quando são lidas a partir dele, isso é, debaixo para cima. Porém, antes de Cristo é Deus quem o artista expressa enquanto ele cita nas raízes do tronco sete atributos, geralmente considerados da divindade: “onipresente, todopoderoso, sábio, justo, santo, gracioso, glorioso.”<sup>14</sup>

Subindo, quase todas as edições retratam Cristo crucificado na árvore, ou seja, a árvore é considerada a cruz de Cristo. Já Kitchin tem em seu lugar as palavras “feito carne”<sup>15</sup> que remete mais à encarnação. Esta compreensão transparece também na copa da árvore, onde se lê nas folhas, debaixo para cima, “batismo, circuncisão, / obediência, pobreza, jejum, tentação, vitória / vergonha, censura, / prisão, listras, esbofeteamento, morte, ressurreição”<sup>16</sup>, que descrevem a paixão de Cristo.

Penduradas na copa da árvore estão 12 frutas na cor laranja – mais uma referência ao texto de Revelação 22.2 que somente menciona o fenômeno em si – com palavras escritas nelas. Mais uma vez elas parecem revelar seu significado como um conjunto lido debaixo para cima, descrevendo agora o caminho da salvação do ser humano, moldado pelo “amor eterno” na terra até alcançar a “redenção eterna” na morte. Até chegar ao céu, há no caminho cristão os elementos de “perdão, eleição, refúgio, santificação, paz, segurança, boa vontade, promessas, e perseverança”, ou seja, a obra de Cristo – perdão, eleição, refúgio – impacto sobre o ser humano – santificação, paz,

<sup>14</sup> “Omnipresent, almighty, wise, just, holy, gracious, glorious”.

<sup>15</sup> *Made flesh*”.

<sup>16</sup> “Resur[r]ection;

Death;

Stripes, Reproach, Imprisonment, Buffering,

Obedience, Poverty, Shame,

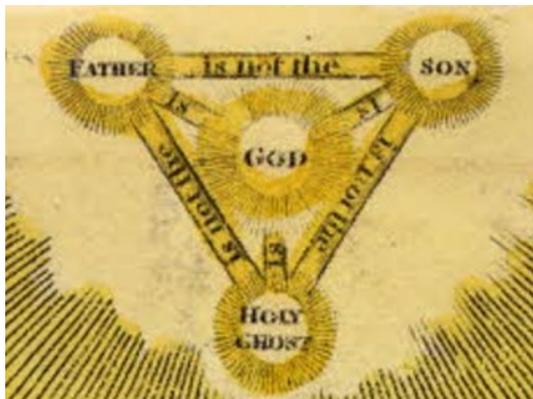
Fasting, Temptation, Victory,

Circumcision, Baptism”.

segurança boa vontade –, guia o ser humano – promessas – e o fortalece – perseverança<sup>17</sup>.

Acima da árvore, com a exceção da edição de Thomas Kitchin<sup>18</sup>, encontra-se uma referência visual à Trindade ou também à pessoa de Cristo, afirmando a coigualdade das três pessoas: As duas formas combinam aspectos visuais e textuais.

Figura 4: Bowles and Carver. Árvore da vida [1780]. Detalhe “Trindade”<sup>19</sup>



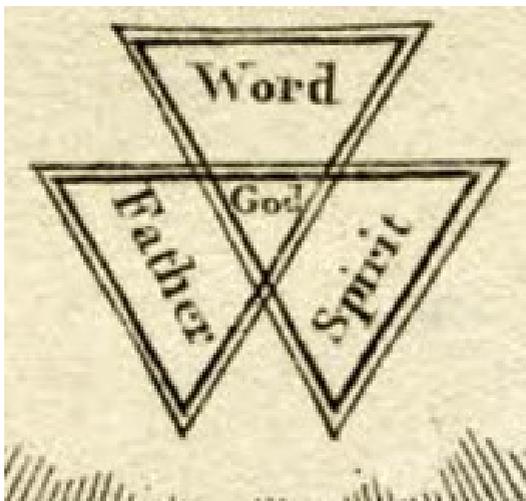
Fonte: Acervo de gravuras do Museu Britânico, número de acervo 1935,0522.3.51

<sup>17</sup> *Eternal redemption,  
Perseverance,  
Righteousness, Promiss, Good Will,  
Security, Peace, Sanctification,  
Refuge, Election, Pardon,  
Everlasting love.*

<sup>18</sup> Ele apresenta a referência no tronco.

<sup>19</sup> Somente Kitchin.

Figura 5: Anônimo. *Árvore da vida*, 1750-1770. Detalhe “Trindade”



Fonte: Acervo de gravuras do Museu Britânico, número de acervo 1906,0823.40

A versão na xilogravura editada por Bowles e Carver (figura 4) segue uma tradição medieval que aparece no século 13. O chamado “escudo de Deus” foi usado em escudos medievais de cavaleiros e era muito popular no fim do século 15 e início do século 16 na Inglaterra e na França onde são encontrados em manuscritos e vitrais nas igrejas. Posteriormente retornou, no início do século 19 (AUDSLEY & AUDSLEY, 1865), de um longo desaparecimento.

Quanto à nossa gravura, trata-se, então, de um reaparecimento do escudo de trindade o que marca o início da sua redescoberta no século 19. O escudo contém entre as palavras “Pai, Palavra, Espírito”, a afirmação “não é” e, entre estes três nomes, a palavra “Deus” junto ao verbo “é” entre todas as outras três pessoas da Trindade. Nas outras três edições formam três triângulos maiores num ponto onde eles se sobrepõem, mais um quarto triângulo menor onde se encontra a palavra “Deus”; já nas partes não compartilhadas, lê-se “Pai”, “Palavra” e “Espírito”. O aspecto visual lembra desenhos celtas para representar a Trindade. Olhando o conjunto, a predominância do motivo da árvore da vida capta o olhar. Trata-se de fato de um aspecto específico da cultura inglesa que recentemente reapareceu na forma da sua cultura de sepultamento contemporânea, como a próxima imagem mostra (figura 6):

Figura 6: Jardim de Memória *Árvore da Vida*, Wakefield Church, Leeds, Inglaterra, 2015



Fonte: [www.westyorkshiredales.anglican.org](http://www.westyorkshiredales.anglican.org)

Figura 7: *Árbol de la vida*, México. Século 20



Fonte: Pinterest

O fato que uma diocese anglicana cita a narrativa visual da árvore da vida em 2014 indica a contínua vitalidade do motivo, ou seja, a expectativa que o seu significado ainda não se perdeu culturalmente, inclusive, a importância da sua dimensão escatológica

[pessoal], considerando a esperança religiosa da ressurreição.<sup>20</sup> Já na América Latina, o motivo se tornou muito popular no México. Contudo, o *árbol de la vida* não é mais um símbolo escatológico, mas, relacionado à criação, inclusive como símbolo de fertilidade e presente para recém-casados (figura 7 6).

### ***O motivo vinculado: a Nova Jerusalém***

A *Nova Jerusalém* é um motivo amplamente reproduzido e importante na iconografia do Ocidente e Oriente, especialmente na época medieval, especificamente no período das cruzadas.<sup>21</sup> Trata-se de um segundo motivo escatológico, mencionado no livro da Revelação no capítulo 22. Em nossa obra, a Nova Jerusalém é, segundo a organização das suas ruas, composta como uma cidade ideal renascentista, mas, quanto à forma dos prédios, barroca, cercada por muros com portais. No meio da cidade se encontra um trono com um cordeiro e, saindo de lá, um rio, que cita visualmente Revelação 22.1<sup>22</sup>. Na sua frente e ao lado esquerdo e direito do rio, encontram-se pessoas. O aspecto escatológico do motivo é sublinhado pelo sol nascente atrás da sua muralha de fundo (figuras 20-23). No muro da frente há uma porta estreita, onde se lê: “Bate e a porta se abrirá”<sup>23</sup>. Essa porta parece ser a porta central de três portas, considerando a porta ao seu lado direito e a possibilidade que se esconde atrás do prédio e ao lado direito mais uma porta<sup>24</sup>.

---

<sup>20</sup> Mas, o motivo sobreviveu também no continente, por exemplo, mediante da pintura “A árvore da vida” criada entre 1905 e 1908 por Gustav Klimt.

<sup>21</sup> Confere a coletânea a bibliografia sobre o tema é ampla. Quanto a cultura visual veja a coletânea *Meisterwerke des himmlischen Jerusalem* (Obras mestres do Jerusalém celestial) da editora Grauhans com até agora 40 volumes.

<sup>22</sup> “Então, me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro”.

<sup>23</sup> “*Knock and shall be opened*”.

<sup>24</sup> Quanto às 12 portas ou portais, veja-se Revelação 21.13.

Figura 8: Bowles e Carver. *Árvore da vida* [1780] Detalhe “A Nova Jerusalém”



Fonte: Acervo de gravuras do Museu Britânico, número de acervo 1935,0522.3.51

Quanto à América Latina há uma ampla apreciação do motivo em si – Claus Bernet (2016) menciona 38 artistas, especialmente dos séculos 17 e 18 – e além disso uma presença ampla “secundária” pela sua vinculação com as representações de Maria sob a invocação da Imaculada (BERNET, 2015):

O final da Idade Média produziu seu próprio tipo de imagem: Maria Imaculada, ou seja, Maria da Conceição Imaculada. A Jerusalém Celestial pode aparecer dentro de tais representações de duas formas: como o portão celestial (*Porta Celi / Porta Coelis*) e como *Civitas Dei* (cidade de Deus), já que segundo a visão católica, Maria foi a primeira padroeira da cidade de Deus. Especialmente na região da América Latina [...] a representação de Maria Imaculada desfrutou de grande popularidade: pode ser encontrada em janelas de vidro, como um mural, em pinturas a óleo ou mesmo esculpidas em madeira (BERNET, 2016).

Considerando mais uma vez a ênfase de produção artística<sup>25</sup> podemos novamente afirmar que o motivo da Nova Jerusalém faz parte da cultura latino-americana. Fica, porém, evidente que nesta gravura a função principal do motivo da *Nova Jerusalém* não é criar uma vida própria ou ocupar um papel principal. O motivo da *Nova Jerusalém* ajuda identificar a *Árvore da vida*.

<sup>25</sup> Das 26 obras e artistas mencionadas por Bennett que combinam o motivo de Maria Imaculada e a Nova Jerusalém, dois são do século 19, um do século 16, nenhum do século 17 e 23 do século 17.

### *O motivo de dois “ministros do evangelho”*

Em comparação com outras obras que desdobram a temática dos dois caminhos, o motivo de “ministros do evangelho” – destaque do *inscriptio* depois da *Árvore da vida* e da *Nova Jerusalém* – é único.<sup>26</sup> Inicialmente, precisa-se registrar que são de fato três pregadores e não dois. O seu papel como pregadores transparece pelas palavras a eles atribuídas e pelos seus trajes. Do lado esquerdo para a direita são as palavras: “O fim [dessas coisas] é a morte” (figura 15), depois, na figura central “Lembre do cordeiro” (figura 9 e 10) e finalmente ao lado esquerdo “Acredite no Senhor Jesus Cristo”<sup>27</sup> (figura 11). A primeira é uma citação de Romanos 6.2<sup>28</sup>, a segunda uma citação de George Whitefield<sup>29</sup> e a terceira menciona o sermão 21 de John Wesley. Enquanto a terceira figura ao lado direito fica no anonimato<sup>30</sup>, George Whitefield e John Wesley são também reconhecíveis pelos retratos. Contudo, Wesley é mais uma vez “citado” na *inscriptio*: a referência à “ira que há de vir” faz parte do seu discurso evangelístico no qual ele define como única condição para poder participar no movimento metodista “o desejo de fugir da ira que há de vir”.

<sup>26</sup> Enquanto se refere a dois. Contudo, encontram-se também na litografia “O caminho largo e o caminho estreito” de Charlotte Reihlen retratos de pregadores específicos indicando o caminho pela porta estreita que inclusive mudam.

<sup>27</sup> “**Believe on the Lord Jesus Christ**”. De fato, o inglês contém um erro: escreve-se “beleive” em vez de “believe”. “**Behold the Lamb of God**, who taketh away the sin of the world! -- all unholy? See thy Advocate with the Father, Jesus Christ the Righteous! -- Art thou unable to atone for the least of thy sins? "He is the propitiation for" all thy "sins." **Now believe on the Lord Jesus Christ**, and all thy sins are blotted out”. John Wesley, sermão 21 e número um do ciclo dos sermões do sermão do monte.

<sup>28</sup> “*The end of these things is death*”. Citação de Romanos 6.21? “aquele tempo, que resultados colhestes? Somente as coisas de que, agora, vos envergonhais; porque **o fim delas é morte**”.

<sup>29</sup> “*Behold the lamb*”. Trata-se de fato de uma citação de uma pregação sobre o Milagre de Canã, João 2.11: “**Behold then (by faith behold) the Lamb of God**, who taketh away the sins of the world. **Look unto him, and be saved**. You have heard how he manifested, and will yet manifest his glory to true believers; and why then, O sinners, will you not believe in him? “ [negrito pelo autor]. A frase “Olhe para Ele, e você será salvo” parece responder uma das duas perguntas.

<sup>30</sup> O terceiro pregador não identificado, parece na versão mais antiga da obra, segundo os seus trajes, ser um leigo ou seja, talvez um pregador leigo ou pregador local. Já em todas as outras edições retrata-se um sacerdote anglicano.

Figura 9: Anônimo. *Árvore da vida*, 1750-1770. Detalhe “Goerge Whitefield”



Fonte: Acervo de gravuras do Museu Britânico, número de acervo  
1906,0823.40

Na edição de Bowles, Wesley é cercado por duas pessoas que se dirigem a ele, dizendo: “O que devo fazer para ser salvo?”<sup>31</sup> e “Salve, ó Senhor, ou eu morro”<sup>32</sup> (figura 10). Já na primeira edição da obra, George Whitefield está ainda num lugar perto da parte do inferno e cercado pelas mesmas duas pessoas (figura 8) inclusive por um grupo de homens armados. Contudo, a cena lembra da primeira fase do avivamento religioso onde pregadores metodistas sofreram perseguições por perturbar supostamente a ordem civil, o que favoreceria, inclusive, uma data de criação mais na direção de 1750 do que 1770. Isso contestaria a data de publicação sugerida pelo Museu Britânico, o ano 1770. A mesma cena localizada na porta do inferno, com Wesley (figura 10) e não com Whitefield,

<sup>31</sup> “*What shall I do to be saved?*”

<sup>32</sup> “*Save Lord or I perish*”.

não contém mais os detalhes que preservam a memória do aspecto conflitante das pregações nas praças e ruas. Esta mudança ocorre primeiro na versão de Thomas Kitchin de (Indicação do Museu Britânico: 1750-1770) e é mantida na versão de Bowles e Carver de 1780.

Figura 10: Bowles e Carver. *A árvore da vida* 780] Detalhe “George Whirefied“



Fonte: Acervo de gravuras do Museu Britânico, número de acervo 1935,0522.3.51

Figura 11: Bowles e Carver. *A árvore da vida* [1780] Detalhe “John Wesley”



Fonte: Acervo de gravuras do Museu Britânico, número de acervo 1935,0522.3.51

Historiadores da igreja confirmam geralmente que John Wesley encontrou uma maior aceitação no anglicanismo depois de 1770. As duas diferentes versões quanto a Whitefield acompanham essa mudança da aceitação pública, mas as datas de criação das primeiras duas gravuras parecem contraditórias: faria mais sentido se a versão anônima fosse também de 1750 a 1770 e de fato, mais para 1750 do que 1770. Como George Whitefield havia falecido em 1770, a memória dos dois como “ministros do evangelho”, lado ao lado, sem grande distinção, faz sentido. Essa memória corresponde a John Wesley que pregou em seu funeral, sem mencionar os fortes conflitos entre eles sobre a (dupla) predestinação e a escravidão na colônia de Geórgia.

A mudança da visão pública sobre o movimento metodista na Inglaterra fica evidente numa leitura do *Gentleman's Magazine*, um jornal publicado entre 1731 e 1914. Ele era um tipo de *Reader's Digest* da época e informava sobre grandes eventos, debates, publicações etc. de interesse das classes eruditas urbanas e aristocratas. Quanto ao

surgimento e estabelecimento do movimento metodista o *Gentleman's Magazine* publica até 1750 geralmente opiniões negativas, mas, muda o tom a partir de 1773. Como exemplo, mencionamos aqui as publicações do ano 1739. A primeira menção do metodismo ocorre em 1739. Trata-se de resumos de quatro sermões contra Whitefield (TRAPP, 1739, p. 294d-297c). Segue uma resposta em defesa George Whitefield (S.N., 1739, p. 292c-f), duas cartas atacando Whitefield (TUCKER, 1739, p. 292g-294d e 1739, p. 294d-297c), uma em sua defesa (S.N., 1739, p. 415a-416b). Seguem mais duas cartas atacando os metodistas (S.N., 1739, p. 415e-416f e S.N., 1739, p. 416f-417h) e uma breve resposta do próprio Whitefield. Numa carta ao *Gentleman's Magazine* de 1739 um autor refere-se a Wesley e a Whitefield como “...*empiristas espirituais* [...] pretensiosos, cuja fala sobre a condenação parece uma trovoada [...] sem estudo, *sem experiência*, sem pensamento, sem julgamento” (S.N., 1739, vol. 9, p. 128, coluna direta [H]).<sup>33</sup> Critica-se a ameaça do monopólio da Igreja Anglicana, e com ela, do Estado:

Para não continuar considerando os males do metodismo numa perspectiva religiosa, eu vou me limitar a algumas poucas reflexões sobre os efeitos ruins que eles podem causar na sociedade civil. Eu penso que todos devem saber que uma multidão de seitas e religiões deveria ser muito desvantajosa para qualquer comunidade. Opiniões diferentes em assuntos religiosos não somente procriam dissensão e animosidades entre o povo, como geralmente carregam em si uma diversidade de sentimentos em relação ao governo. Além disso, esse tipo de desentendimento deve ser sempre muito inconveniente para aqueles no topo do estado (S.N., maio 1739, vol. 9, p. 257).<sup>34</sup>

---

<sup>33</sup> “Tho’ [says he, speaking of Methodists, Wesleys e Whitfield, &c.] we have **some *Spiritual Empiricks*** [...] who think despair a most promoting symptom of salvation [...] Those [...] pretenders, who thunder out damnation without study, **without experience**, without thought and judgement, deserve to be punish’d.” (grifos do autor).

<sup>34</sup> “Not to consider the evil of Methodism any further in a religious view, I shall confine myself to a few reflections on the bad effects it may have upon civil society. I think it must be owned by all, that a multitude of sects and religion must be very disadvantageous to any community. Differences of opinion in religious matters not only breed dissensions and animosities among the people, but generally carry along with them a diversity of sentiments with regard to government. Besides, that such disagreement must be always very inconvenient to those at the helm of state.” Trata-se de uma carta de 3 páginas.

Já em 1744, a inconveniência tinha se tornada, na opinião do autor de “Pressentimentos contra metodistas”, em um ato ilegal e de desordem, uma ameaça à paz e à ordem estabelecida no Reino da Inglaterra, que necessita ser supresso imediatamente (S.N., 28 ago. 1744, p. 504 [linhas A a E])<sup>35</sup> e que corresponde a representação de Whitefield em meio de uma multidão armada (figura 8). Já em 1773 lê-se: “Mr. Wesley deve ser muito louvado no seu empreendimento a estender a *liberdade na qual Cristo nos todos libertou* a um grupo tão grande e miserável da criação racional” (S.N. 1773, p. 137).<sup>36</sup> Ainda em 1773, registra-se ainda sem condenação a atuação de uma pregadora metodista: “Uma mulher pregadora, que acompanhou o sr. John Wesley a Plymouth, foi até a [praça da] Parada, e juntou a maior multidão de pessoas já vista lá. A novidade de uma pregadora-metodista [*woman-Methodist-preacher*] tinha atraído a metade [da população] de Plymouth para ouvi-la.”<sup>37</sup> Um líder metodista em defesa da abolição e a favor da pregação pública de uma mulher, teria sido antes o material para condenações diretas. A modificação das gravuras, parece acompanhar essa mudança da opinião pública, trata-se de dois reverendos anglicanos que proclamam o evangelho, que não ameaçam a ordem, mas, que se preocupam com a desordem representada mediante o próximo motivo, o motivo dos/as pecadores/as.

### ***O motivo dos/as pecadores/as***

À frente da imagem até o muro frontal da Nova Jerusalém é dividida de forma horizontal e vertical. Atrás da cena urbana de pessoas que, na sua grande maioria, ou

<sup>35</sup> GMSU, 28 ago. 1744, p. 504 (linhas A a E). *Presentments against Methodists*, Brecon 28 ago. 1744. “We the Grant Jury of the County of *Becon*, & c. having receiv’d in Charge amongst other learned and laudable Observations made by our Hon. Judge of this Circuit, that we ought to present every Obstruction to our *Holy Religion* as being the most valuable Part of our Constitution, and it being to well known that there are several (as we are advised), [falta no texto] illegal field and other Meetings of Persons, styl’d Methodists whose Preachers pretend to expound the Holy Scriptures by Virtue of Inspiration, by which Means they collected together great Numbers of disorderly Persons, very much endangering the Peace of our Sovereign Lord the King; which Proceedings, unless timely suppressed, may endanger the peace of the Kingdom in general; and at all Adventures the pretended Preachers, or Teachers of the irregular Meetings, by their enthusiastick Doctrines do very much confound and disorder the Minds of Great Numbers of His Majesties good Subjects, which in Time may proof of dangerous Tendency, even to the Confusion of our establish’d Religion; and consequently the overthrowing our good Government, both in Church in State.”

<sup>36</sup> GMSU, 1773, p. 137. “Mr. Wesley is highly laudable in thus endeavouring to extend that *liberty with which Christ has made us all free* to so large and miserable part of the rational creation.”

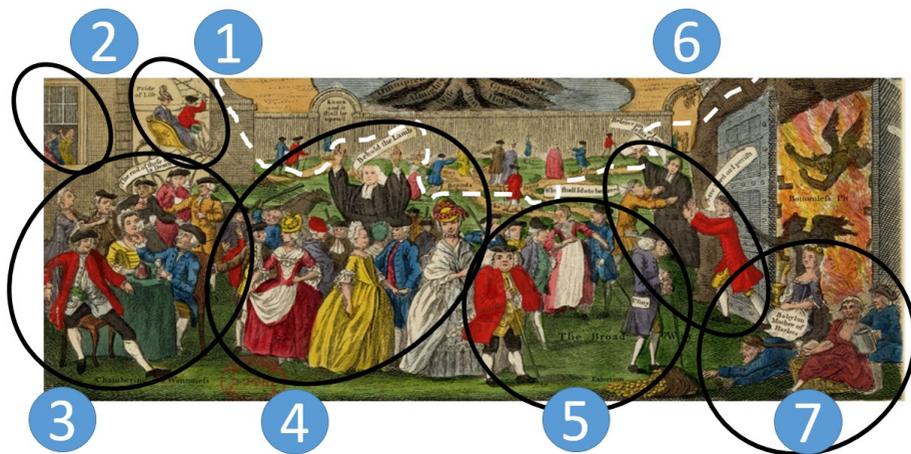
<sup>37</sup> GMSU, [Historical Chronicle], domingo 8 set. 1773, p. 451: “A woman preacher, who accompanied Mr. John Wesley para Plymouth, held forth upon the Parade, and brought together the greatest concourse, of people that had ever been seen there, the novelty of a woman-methodist-preacher having drawn half Plymouth to hear her.”

olham para o/a observador/a ou para um dos três pregadores, há um grupo de 11 pessoas indo na direção de uma das duas portas estreitas na muralha da cidade (figura 12). Nesta parte lê-se nos caminhos que elas estão percorrendo: “Eles não são (como) brasas resgatadas do fogo”.<sup>38</sup> Trata-se, então, de pessoas que optaram passar pelo caminho estreito.

Já a cena da frente, aparentemente um retrato de uma rua ou praça urbana, com casas ao lado direito dando o destaque a pessoas bem vestidas, nos dá uma ideia sobre a quem as pregações se dirigem.

Visto do lado direito ao lado esquerdo encontramos sete grupos distintos:

Figura 12: Bowles e Carver. *Árvore da vida* [1780]. Detalhe “Os/As pecadores/as“



Fonte: Acervo de gravuras do Museu Britânico, número de acervo 1935,0522.3.51

1. Um casal acima de um *cab(riole)*, uma carruagem para no máximo duas pessoas, normalmente puxada por um cavalo. O uso de dois cavalos é raro e indica ostentação num meio de transporte já reservado às classes altas. Repare-se que o

<sup>38</sup> “Are not these brands pluck’d from the fire?”, uma citação literal de Zacarias 3.2. Na versão anônima essa frase fica ainda próxima da figura de John Wesley. Isso talvez não seja por acaso. Suzanna Wesley, mãe de John Wesley, aplicava essa palavra ao seu filho depois que ele foi salvo de um incêndio na casa pastoral. Para ela, esse salvamento indicava providências divinas especiais para com ele.

gravurista desenha um *cab* exageradamente alta e que o acompanha pelas palavras “orgulho de vida”<sup>39</sup> (figura 13).

2. Na frente ao lado esquerdo no meio, através de uma janela, duas mulheres brigando na presença de um homem (figura 14).

Figura 13: Bowles e Carver. *A Árvore da vida* [1780]. Detalhe “Casal na carruagem”



Fonte: Acervo de gravuras do Museu Britânico, número de acervo 1935,0522.3.51

<sup>39</sup> “*Pride of life*”.

Figura 14: Bowles e Carver. *Árvore da vida* [1780]. Detalhe “Briga de mulheres”



Fonte: Acervo de gravuras do Museu Britânico, número de acervo 1935,0522.3.51

Ao lado esquerdo na frente, um grupo de seis homens e duas mulheres, dois homens sentados e uma mulher sentada. A mulher com o vestido lilás no fundo aproxima-se ao homem ao seu lado direito, o homem sentado com a jaqueta azul faz um carinho na mulher sentada (figura 15). Na mesa encontra-se uma garrafa de vinho tinto, dois homens que seguram um cálice (de vinho), o pregador anônimo já mencionado acima, e dois homens observam a cena do fundo. Quem são estas pessoas? A resposta

encontra-se nos seus trajes e na bebida consumida. Até o fim do século XVII, tinha-se mantido “uma estratificação social do [uso do] álcool”, cuja divisão era relacionada, em geral, ao consumo de “vinho cortês, cerveja urbana e *ale* bucólico” (Nicholls, 2010, p.12). Mesmo que as roupas não estejam tão chiques como as das mulheres ao lado direito, em frente de George Whitefield, também não se trata de pessoas miseráveis, mas, de pessoas de classes urbanas com estabilidade econômica. Mas, não é o consumo de vinho em si que se considera socialmente inaceitável. O discurso religioso da época era temperante, não proibicionistas, inclusive, no caso de um dos pregadores retratados na gravura, John Wesley.<sup>40</sup> Condenava-se o excesso e a perda de controle o que a cena da mesa aparentemente quer sugerir, especialmente pelas duas palavras abaixo da cena, “*Chambering & Wantones*”. Trata-se de uma citação parcial de Romanos 13.12-13<sup>41</sup> que critica “impudícias e desonestidades e dissoluções” (Tradução Almeida) ou “relações sexuais [inadequadas] e indecência” (texto grego, tradução do autor). Esta citação corresponde por sua vez à referência do pregador a Romanos 6.21.

---

<sup>40</sup> O próprio John Wesley conhecia um uso medicinal, indicado por ele mesmo num guia de saúde popular, aumentado o número de indicações ao logo dos anos de cinco (WESLEY, 1746, p.5, 7, 9, 13, 14, 15) para 14 (WESLEY, 1747, p.29, 47, 48, 51, 59, 61, 66, 68, 79, 82, 95, 99, 112, 113) e finalmente 22 (WESLEY, 1791, p.25, 28, 29,48, 51, 58, 59, 69, 71, 72, 74, 78, 80, 82, 84, 86, 90, 91, 97, 99, 101, 112). Em seu comentário ao novo Testamento ele comenta João 2.2 com as palavras: “Jesus e seus discípulos foram convidados para a festa da boda – Cristo não exclui da convivência humana, mas a santifica. Água poderia ter saciado a sede, mas o nosso Senhor permitiu o vinho, especialmente em uma solenidade festiva” e no seu diário se lê “Mas por que deveria condenar *todo genere* vinho?” (WESLEY, 1777, p. 40). Como defensor de temperança lutou contra o abuso de álcool e rejeitou especialmente bebidas com o gin holandês, bem parecido com William Hogarth (*Gin Lane* versus *Beer Street*, como aplicação do motivo do caminho largo e estreito). Entretanto, no século 18 ainda não se conhecia o quadro médico da dependência química.

<sup>41</sup> “Let us walk honestly, as in the day; not in rioting and drunkenness, not in **chambering and wantonness**, not in strife and envying”.

Figura 15: Bowles e Carver. *Árvore da vida* [1780]. Detalhe “Grupo ao redor da mesa”



Fonte: Acervo de gravuras do Museu Britânico, número de acervo 1935,0522.3.51

Figura 16: Bowles e Carver. *Árvore da vida* [1780]. Detalhe “Grupo entre Whitefield e Wesley“



Fonte: Acervo de gravuras do Museu Britânico, número de acervo 1935,0522.3.51

3. Mais um outro grupo se orienta ao redor de George Whitefield (figura 9). Neste grupo dominam as mulheres. Pode ser uma referência ao vínculo de George Whitefield com os círculos de Selina Hastings, *Condessa de Huntingdon*, que manteve capelas calvinistas metodistas supervisionados por Whitefield.
4. Há seis pessoas entre o grupo ao redor de George Whitefield e as pessoas ao redor de John Wesley que não prestam atenção a nenhum dos dois pregadores (figura 16).

As figuras desse grupo descrevem perpetradores e vítimas de exploração e engano. A figura masculina na frente ao lado esquerdo é descrito como *quack*<sup>42</sup>, ou seja, vendedor de remédios falsos para o povo que não tem acesso a remédios. O outro da frente ao lado direito é acusado de usura<sup>43</sup> ou juros exagerados.<sup>44</sup> Abaixo dele há uma sacola cheia de moedas com a palavra “extorsão”<sup>45</sup> que indica outro tipo de crime violento. Finalmente, há uma moça no fundo que segura a sua barriga o que indica uma gravidez indesejada. No centro entre todas essas pessoas está escrito: “O caminho largo”<sup>46</sup>. Especialmente estes quatro temas aqui anunciados transcendem questões morais individualistas ou meramente pessoais e em todas essas áreas o movimento atuou. Quanto aos *quacks*, John Wesley criou um guia de medicina popular (RENDERS, 2011, p. 339-353) como tentativa de proteger o povo humilde dos falsos médicos. Nele popularizou exercícios físicos e uma alimentação saudável como parte de prevenção e o uso de plantas medicinais como remédios acessíveis, inclusive vendidos na própria e primeiro farmácia popular de Londres. Quanto à usura, criou um sistema de banco sem juros para financiar *startups* da época e quanto às condições de vida em geral tentou organizar a convivência em comunidade para exercer o cuidado mútuo.

5. Segue o próximo grupo, que tem John Wesley em seu meio (figura 9). As duas pessoas que se dirigem a Wesley se assemelham a pecadores arrependidos (tratamos do grupo, anteriormente).
6. Finalmente, há um grupo sentado em frente ao portal do inferno, até mesmo deitado ou caído (figura 17).

---

<sup>42</sup> O nome surgiu pelo seu uso exagerado de *quicksilver* ou mercúrio.

<sup>43</sup> “*Usury*”.

<sup>44</sup> Na edição de Kitchin faltam as informações por escrito e a pessoa acusada de usura indo direto ao inferno vira-se para escutar John Wesley. Também falta em todas as outras edições o “*quack*”. Nas edições anônima e de Kitchin, encontramos em seu lugar, indo direto para o inferno, uma pessoa com uma deficiência física.

<sup>45</sup> “*Extortions*.”

<sup>46</sup> “*The broad way*”.

Figura 17: Bowles e Carver. *A árvore da vida* [1780]. Detalhe “Grupo entre Whitefield e Wesley“



Fonte: Acervo de gravuras do Museu Britânico, número de acervo 1935,0522.3.51

As roupas de três pessoas do grupo são mais simples. O cálice de ouro não combina com isso, mas, nas duas outras referências ao uso de álcool, encontram-se um cálice menor – eventualmente para bebidas mais fortes do que vinho? – e uma caneca de cerveja, ambos característicos de uma classe social mais humilde. A figura com o cálice de ouro é identificada como “*Babylon Mother of Harlots*”, que significa “Babilônia, a mãe das prostitutas”. Mais uma vez cita-se o livro da Revelação, agora o versículo 5 do capítulo 17.<sup>47</sup> No livro da Revelação trata-se de uma simbolização do império Romano. Entre protestantes há uma antiga tradição visual que já surge na primeira edição do Novo

<sup>47</sup> Rv 17:5: “And upon her forehead was a name written, Mystery, *Babylon* The Great, The *Mother Of Harlots* and Abominations of the Earth. <sup>6</sup> And I saw the woman drunken with the blood of the saints, and with the blood of the martyrs of Jesus: and when I saw her, I wondered with great admiration” [negrito pelo autor].

Testamento de Lutero de 1522 que se refere a Babilônia como a Igreja Católica. Em todas as edições a “Mãe das prostitutas” chama as pessoas com um sinal da sua mão direita e oferece com a mão esquerda o cálice. Em 1780, porém, esta iconografia antiga ganhou um contexto incomum. Durante os levantes de Gordon, que se inicialmente direcionaram contra uma nova legislação dando mais direitos civis aos católicos, muitas casas e instituições católicas, foram destruídas na cidade.<sup>48</sup> Assim este aspecto da gravura pode ser interpretada como uma expressão popular anticatólica, encontrada em muitas gravuras protestantes.

Olhando agora todos os conjuntos identificamos no caminho largo sete motivos de pessoas ou cenas diferentes intercaladas uma com a outra:

	<b>Grupos de pessoas</b>	<b>Os grupos e a proposta do evangelho</b>
1	Um casal no <i>cab(briolet)</i>	Passa longe dos pregadores; é descrito como orgulhoso;
2	Pessoas em casa, atrás da janela	Plenamente focadas em sua briga;
3	Pessoas ao redor da mesa	Ignoram o primeiro pregador apesar de estar próximo;
4	Pessoas ao redor de Whitefield	Escutam o segundo pregador, sem reagir;
5	Pessoas entre Whitefield e Wesley	Indivíduos indo para o inferno, não escutando Whitefield nem Wesley;
6	Pessoas ao redor de Wesley	Duas pessoas correspondem ao chamado do Evangelho;
7	Pessoas sentadas em frente à porta do inferno	Pessoas – sob influência de álcool? – conduzem outras na direção da porta do inferno.

Por um lado, existe uma crescente tendência do lado esquerdo para o lado direito da imagem a seguir o caminho largo, inclusive, os três pregadores não parecem ter um grande impacto na população. Portanto, a gravura não serve muito como propaganda “pró-metodista”, senão que se considere a perseverança no esforço apesar da falta de ressonância. Contudo, dirige-se a gravura ao/à observador/a para que ele/a tome uma decisão. Fora das duas pessoas sentadas na entrada da porta do inferno, não se refere a um estrato mais baixo da sociedade, ou como John Wesley descreve seu grupo alvo

<sup>48</sup> Quanto à severidade veja Jerry White (2011, p. 5): “Diz-se que os tumultos `destruíram dez vezes mais propriedades do que foram destruídas em Paris durante toda a Revolução Francesa”. Já John

principal “*The bulk of mankind*”, a grande maioria das pessoas. Na sua maioria, a gravura retrata pessoas com bens, com condições de vida mais do que modestas. A elas se dirigem as pregações que em conjunto compõem um modelo clássico da pregação evangelista:

- Convite ao arrependimento (“O fim [dessas coisas] é a morte”);
- Oferecimento de Cristo (“Lembre-se do cordeiro”);
- Convite à conversão e reorientação da vida (“Acredite no Senhor Jesus Cristo”).

O conjunto dos temas das três pregações, por sua vez, corresponde também ao caminho da salvação anunciado ou proposto na copa da árvore e que contém os passos “perdão, eleição, refúgio, santificação, paz, segurança, boa vontade, promessas e perseverança”. Quanto à teologia subjacente da gravura é importante a orientação de começar primeiro com a interpretação da mensagem registrada na copa da árvore para depois, olhar para a cena da rua urbana e seus agentes. A composição da gravura conduz a partir da pessoa e do evangelho de Jesus Cristo, para depois refletir sobre a vida humana (ir)responsável, porém, em busca da transformação e não da condenação da pessoa.

### ***O motivo dos portais largos e das portas estreitas***

Contudo, a gravura conduz à decisão de optar por um ou outro caminho, para poder, ao final, passar por uma ou outra porta. O motivo da decisão em relação ao caminho a ser tomado é conhecido desde a antiguidade, inicialmente, sob os títulos “Escolha de Hércules / de Hercules”<sup>49</sup> e “Ípsilon de Pitágoras” (MESSIMERI, 2001) e, aparece de forma emblemática, na passagem bíblica de Mateus 7.14, explicitamente mencionada na *inscriptio*. A sua narrativa visual, seja segundo o motivo secular ou religioso, era muito comum desde a época da Renascença e durante toda a Modernidade. Além do seu uso “secular”, inclusive por gravuristas conhecidos pelo seu vínculo religioso como, por exemplo, os irmãos Wierix, percebem-se durante os séculos preferências confessionais. Inicialmente, durante o século 16, o motivo era popular entre humanistas e católicos<sup>50</sup>; durante o século 17 e 18 dominavam obras calvinistas<sup>51</sup> e no

---

Rule (1992, p. 221-223) se refere ao pior distúrbio europeu do século XVIII antes da revolução francesa em 1789.

<sup>49</sup> Gerard de Jode, 1579; Jan Wierix, 1590.

<sup>50</sup> Jan Collaert, 1570; Marrten van Heemskerck, 1571;; Gilles Mostaert, 1584; Frans Hogenberg, 1590; Hieronymus Wierix, 1600 e 1616; Ludovicus van Leuven, 1629; François Georin, 1824.

<sup>51</sup> Johannes e Lucas van Doetecum, 1589; Theodoor Rombouts, 1611; Pieter Symonsz Potter, 1623-1652; Laurence Netter, 1639; Karel van Mander, 1645; Jan Christiaensz Micker, 1649; Jan

século 19 segue ainda a famosa obra luterana de Reihlen<sup>52</sup>. A porta larga é no conjunto das obras aqui discutidas substituída pela porta do inferno (figura 19) e a porta estreita é o portal central do muro da frente da Nova Jerusalém, caracterizado pelo convite “Bate, e ela será aberta”<sup>53</sup> (figura 18), que lembra de longe de Revelação 3.20<sup>54</sup>, mesmo que nela o sujeito seja o próprio cordeiro Jesus.

Figura 18: Bowles e Carver. *Árvore da vida* [1780]. Detalhe “Porta estreita”



Fonte: Acervo de gravuras do Museu Britânico, número de acervo 1935,0522.3.51 ⇐

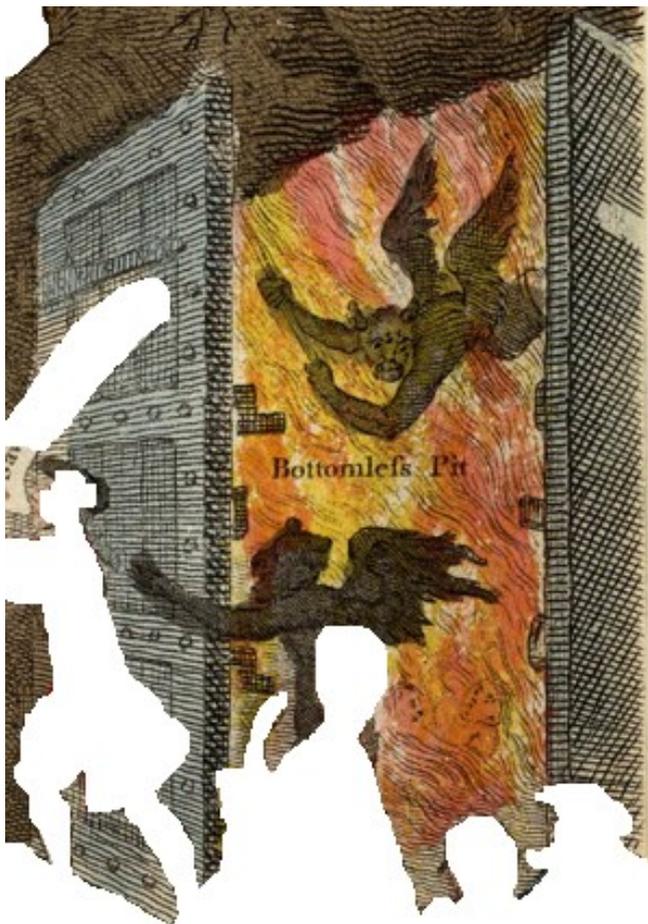
Claesz tem Hoorn, 1699; Jan Luken, 1699; Cornelis Huyberts, 1704; Carel Allard, 1706-1707; Cornelis van Noorde, 1767, mas, também ainda John W. Barber (1826) nos EUA.

<sup>52</sup> O motivo encontra-se, às vezes, em gravuras de livros devocionais pietistas como de Johann Heinrich Schellbauer (1700) e Abraham Kaburk ou Koburk (1739).

<sup>53</sup> “*Knock and it shall be opened*”.

<sup>54</sup> Rv 3.20: “Behold, I stand at the door, and **knock**: if any man hear my voice, **and open** the door, I will come in to him, and will sup with him, and he with me”.

Figura 19: Bowles e Carver. *Árvore da vida* [1780]. Detalhe “Porta do inferno”



Fonte: Acervo de gravuras do Museu Britânico, número de acervo 1935,0522.3.51

Figura 20: Bowles e Carver. *Árvore da vida* [1780]. Detalhe “Portal da Nova Jerusalém”



Fonte: Acervo de gravuras do Museu Britânico, número de acervo 1935,0522.3.51<sup>71</sup>

O motivo do caminho largo e estreito é também no protestantismo e pentecostalismo brasileiro conhecido pelo *Livrinho do coração* de Johannes Evangelista Gossner, publicado pela Casa Publicadora Presbiteriana pela primeira vez, em 1914, pelos metodistas até 1980, pelos pentecostais a partir da década 50 e pelos batistas a partir de 1996 ([GOSSNER], 2011)<sup>55</sup> e como pela litografia do mesmo nome – *O caminho largo e*

<sup>55</sup> Sobre as diferentes edições veja Helmut Renders (2009, p. 116-153).

*estreito* – de Charlotte Reihlen, pela primeira vez publicada em português por presbiterianos em 1929 e em circulação até as décadas 70/80 do século passado.<sup>56</sup>

A porta do inferno é um motivo que o artista não menciona diretamente na sua *inscriptio*, se não for indiretamente por mencionar “a ira que há de vir”. Mesmo assim, ele é visualmente importante e ocupa um espaço significativo na obra. O motivo era de origem viking e tratava-se inicialmente de uma boca do inferno, sendo a boca, primeiro, a boca de um lobo, depois, de qualquer tipo de monstro. Ele foi integrado no imaginário cristão pelos anglo-saxões ao redor do ano 800 (SCHMIDT, 1995), de onde penetrou o imaginário religioso europeu (SCHAPIRO, 1987; 1984). No caso da nossa obra, o portal do inferno parece integrado numa montanha, ou que localizaria o inferno em uma caverna. Acima do portal existe em todas as edições um crânio – no caso da edição de Thomas Kitchin, com dois ossos cruzados na sua frente – indicando o domínio da morte. De dentro do inferno avançam dois a três demônios para fora para puxar pessoas para dentro que por sua vez contém as palavras “poço sem fundo.”<sup>57</sup> Somente na edição de Thomas Kitchin pode-se identificar pessoas no inferno. No caso, elas estão penduradas – uma com a corda ao redor do seu pescoço, uma outra ao redor de um dos seus pés – ou fixadas numa roda de madeira. A cena lembra ou um lugar de execução de pena capital ou de aplicação de tortura.

### **Considerações finais**

Quanto ao método aplicado, isso é, focar no motivo principal e considerar aspectos que a obra distingue de outras obras parecidas, cremos que chegamos num resultado que articula de fato a narrativa principal da gravura “A árvore da vida”. Ela representa uma versão genuína inglesa do tema dos dois caminhos em comparação com as suas múltiplas formas e versões confessionais. Mediante do seu motivo principal, a “Árvore da vida”, a gravura cria um contrapeso a uma possível tendência moralista ou legalista do motivo dos dois caminhos e da pregação popular. Lido debaixo para cima o motivo da árvore da vida afirma que a salvação do ser humano parte de atributos de Deus e se desdobra mediante a vida, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo em uma colaboração entre ele e o ser humano, ou, como dizemos antes: a obra de Cristo – perdão, eleição, refúgio – impacto sobre o ser humano – santificação, paz, segurança e boa vontade –, guia o ser humano – promessas – e fortalece o ser humano –

---

<sup>56</sup> Da mesma forma pode ser dito que o protestantismo brasileiro é identificado com esta obra (SANTOS, 2006, p. 217-244; 2006; 2004, CAMPOS, 2014b, p. 339-381 e 2014a. p. 143-144; DELCIDES, 2013 e MONTEIRO, 1975, p. 21-29).

<sup>57</sup> “*Bottomless pit*”.

perseverança. O símbolo da árvore da vida é, então, usado para afirmar em relação ao motivo dos dois caminhos a primazia de uma teologia da graça que sustenta a vida cristã em todas as suas fases. Isso corresponde à teologia anglicana em termos gerais e à teologia metodista em termos especiais. Isso também se confirma pela descrição dos pregadores como “ministros do evangelho”.

Quanto à mudança das representações dos dois pregadores metodistas, Whitefield e Wesley, propomos uma reconsideração da data de criação proposta segundo a página do Museu Britânico. Cremos que por indícios internos, especialmente a referência às perseguições de metodistas preservada pela versão anônima, essa deve ser considerada a mais antiga (1750-1770), Kitchin posterior a 1770 e assim a diante<sup>58</sup>. Cremos que a partir da edição de Kitchin já se refere a um metodismo mais integrado ao mundo anglicano sem necessidade de manter uma memória dos graves conflitos entre o anglicanismo, as elites do país e o movimento metodista. Isso ocorreu ao redor de 1770, data que coincide também com o ano da morte de George Whitefield em 1770 que nos parece uma data segura *ad quem* de criação das últimas três gravuras.

Cremos também que seja relevante observar que muitos problemas mencionados nesse conjunto de obras não são de cunho pessoal ou individual, mas, social. São justamente aqueles que fizeram muito dinheiro – o *quack* e o banqueiro – que não escutam os pregadores. A gravura articula, então, uma crítica social e alerta desde do início: “o fim de todas essas coisas é a morte!” Já mencionamos como John Wesley e os metodistas tentaram enfrentar algumas das injustiças criadas pelo sistema socioeconômico inglês. Frases como “Para que Deus levantou os pregadores metodistas? Para reformar a nação, em particular a igreja, e espalhar santidade sobre a terra” certamente desafiaram tentativas de confundir o caminho estreito com um caminhar individualista e antisolidário. Interessantemente, dirigem-se nessa gravura os pregadores em praça pública menos aos pobres e marginais da sociedade e mais àqueles que estavam na época construindo a sociedade, o cidadão e a cidadã urbana moderna. “Orgulhosos/as” das suas vidas, são eles/as descritas pela gravura como pessoas “sem moral e decência”. Observe, o foco da crítica não são os pobres, mas, pessoas da sociedade com condições de vida melhores.

Finalmente, pode-se levantar a pergunta se a obra é uma obra metodista ou anglicana. Entretanto, a própria pergunta nasce de um contexto denominacional do século 19 em diante e que no século 18, especialmente, antes da morte de John Wesley em 1791, não se aplica. Certamente não se trata de uma obra satírica antimetodista, no sentido de algumas das gravuras do anglicano William Hogarth. Também não se trata de

---

<sup>58</sup> Lembramos que o *Gentleman's Magazine* referenciava o ano de 1773 como data de mudança.

uma obra metodista, especialmente por não articular os seus conflitos com os calvinistas depois de 1770. Concluímos que se trata de uma obra mais prepositiva, um tipo de guia espiritual visual anglicano que apresenta o caminho da salvação como obra de Cristo enraizada na graça divina, combinado com o apelo de refletir sobre o sentido da vida e focar na superação de desvios que não promovem a vida. Trata-se de um tratado teológico visual que quer reformar a nação por apresentar o caminho para uma vida alternativa e que faz um número considerável de referências ao movimento metodista como parte dos discursos e esforços evangelísticos de uma das vertentes do anglicanismo da época.

### **Referências bibliográficas**

AUGOSTINHO. *Contra adversarium legis et prophetarum*, 2 volumes. 419. In: Página Sant'Agostino / Augustinus Hipponenses. Disponível em: < [https://www.augustinus.it/latino/control\\_avversario/index2.htm](https://www.augustinus.it/latino/control_avversario/index2.htm) >. Acesso em: 3 set. 2018.

AUDSLEY, William James; AUDSLEY, George Ashdown. *Handbook of Christian Symbolism*. 1865.

BERNET, Claus. SCHMIDT, Ingeborg. *Das Zweivegebild*. Berlin: Editora Grauhans, 2016 (Coletânea Meisterwerke des himmlischen Jerusalem, n. 22; tradução do título: A imagem dos dois caminhos).

BERNET, Claus. *Latein und Südamerika*. Berlin: Editora Grauhans, 2016 (Coletânea Meisterwerke des himmlischen Jerusalem, n. 39; tradução do título: América Latina e América do Sul).

BERNET, Claus. Maria Immaculata: *Das katholische Himmlische Jerusalem*. Berlin: Editora Grauhans, 2015 (Coletânea Meisterwerke des Himmlischen Jerusalem, vol. 14; tradução do título: Maria Immaculata: a Jerusalém celestial católica).

CAMPOS, Leonildo Silveira “O caminho estreito da ‘salvação’ e o caminho largo da ‘perdição’: observações sobre uma iconografia protestante do século 19”. In: CAMPOS, Leonildo Silveira; SILVA, Eliane Moura; RENDERS, Helmut. *O estudo das religiões: entre a história, a cultura e a comunicação*. Campinas/ São Bernardo do Campo: Editora da UNICAMP/ Editora da UMESP, 2014. p. 143-144.

CAMPOS, Leonildo Silveira; “Os “dois caminhos”: observações sobre uma gravura protestante”: In: *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 12, n. 34, p. 339-381. (abr./jun. 2014).

CUSACK, Carole M. *The Sacred Tree: Ancient and Medieval Manifestations*. Newcastle upon Tyne. Cambridge Scholars Publishing, 2011.

DELCIDES, Marques. *Da vida santificada: A moralidade do caminho estreito*. Versão final da tese orientada pelo prof. Ronaldo Romulo Machado de Almeida. Unicamp, 2013.

[GOSSNER, Johann Evangelista]. *O coração do homem*. 9ª impressão. São Paulo: Editora Vida, 2007. [1ª impressão 1996].

MESSIMERI, Eleftheria. *Zwei-Wege-Bilder im altgriechischen Denken und ihre logisch-philosophische Relevanz*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2001.

MONTEIRO, Douglas Teixeira. “Sobre os Dois Caminhos”. In: *Cadernos do Instituto Superior de Estudos da Religião* (ISER). Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora LTDA, n. 5, p. 21-29 (nov. 1975).

MURPHY, Roland E. *The tree of life: an exploration of biblical wisdom literature*. Second edition. Pp. xi + 233. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1996.

NICHOLLS, James. Drink: the British disease? *History Today*, London, v.60, n.1, p.10-17. 2010

O'CONNELL, Patrick Francis. *The "lignum vitae" of Saint Bonaventure and the medieval devotional tradition*. New York. ETD Collection for Fordham University, 1985.

RENDERS, Helmut. “O guia medicinal Primitive Physic[k] de John Wesley de 1747: ciência, charlatanismo ou medicina social?” In: *Horizonte*, vol. 9, n. 21, p. 339-353. (abr./jun. 2011).

RENDERS, Helmut. “Imaginário religioso católico – protestante – pentecostal – neopentecostal? Implicações da origem e múltiplas reedições do Livrinho do coração e em solo brasileiro”. In: *Ciências da Religião, História e Sociedade*, vol. 7, n. 2, p. 116-153 (2009).

RULE, John. *Albion's people: English society 1714-1815. A social and economic history of England*. London / New York: Longman, 1992

SANTOS, Lyndon de Araújo. “Dois Caminhos: um paradigma da crença protestante no Brasil”. In: MANOEL, Ivan Aparecido & FREITAS, Nainora Maria Barbosa de (Orgs.). *História das Religiões: desafios, problemas e avanços teóricos, metodológicos e historiográficos*. São Paulo: Paulinas, 2006. pp. 217-244 (Coleção estudos da ABHR)

SANTOS, Lyndon de Araújo. *As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na Primeira República Brasileira*. São Luís: Editora da Universidade Federal de Maranhão, 2006.

SANTOS, Lyndon de Araújo. *Protestantes na República Velha*. ASSIS, SP: Editora da Unesp, 2004.

SOPEÑA, Gabriel. “Celtiberian Ideologies and Religion”. In: *e-Keltoi: Journal of Interdisciplinary Celtic Studies*, Wisconsin-Milwaukee, vol. 6, p. 347-410 (2005).

SPURGEON, Charles Haddon. Christ is all. In: *The Spurgeon Archive*. Disponível em: <<http://archive.spurgeon.org/sermons/1006.php>>. Acesso em 3 set. 2018.

SPURGEON, Charles Haddon. Christ the tree of life). In: *The Spurgeon Gems*. Disponível em: <[www.spurgeongems.org/vols55-57/chs3251.pdf](http://www.spurgeongems.org/vols55-57/chs3251.pdf)>. Acesso em 3 set. 2018.

TRAPP D.D., Joseph. “Extract from IV Sermons on Eccles. vii. 16, entitled, The nature, folly, sin and danger of being righteous over-much”. In: *Gentleman’s Magazine*, vol. 9, May 1739, p. 288d – 292b.

S.N. “The conduct and Doctrine of the Revd. Mr. Whitefield vindicated from the Ascensions and Malicious Invectives of his Enemies”. In: *Gentleman’s Magazine*, vol. 9, June 1739, p. 292c-f.

TUCKER, [?]. “An Answer send to the Queries of the Rev. Mr. Whitefield from the Rev. Mr. Tucker, Minister of All-Saints, Bristol, in a letter to the Querist”. In: *GM*, vol. 9, June 1739, p. 292g-294d

TUCKER, [?]. “Mr Tucker’s Reply to the foregoing”. In: *Gentleman’s Magazine*, vol. 9, June 1739, p. 294d-297c.

S.N. “An Apology for Mr. Whitefield: a Letter to a friend, occasioned by the Dr. Rev. Stebbing’s Sermon against Religious Division and by Dr. Trapp’s four Sermons.” In: *Gentleman’s Magazine*, vol. 9, [August] 1739, p. 415a-416b

S.N. ”Mr. Urban”. In: *Gentleman’s Magazine*, vol. 9, [August] 1739, p. 415e-416f;

S.N. ”Mr. Urban”. In: *Gentleman’s Magazine*, vol. 9, [August] 1739, p. 416f-417h;

WESLEY, John. *Explanatory notes upon the New Testament*. London: William Bowyer. 1755.

WESLEY, John. *Primitive physick: or, an easy and natural method of curing most diseases*. London: Thomas Tyre. 1747.

WESLEY, John. *A collection of receipts, for the use of the poor*. Bristol: Felix Farley. 1746.

WESLEY, John. *Primitive physick: or, an easy and natural method of curing most diseases*. 23rd ed. London: New Chapel. 1791.

WESLEY, John. *An extract of the Rev. Mr. John Wesley's Journal: from Sep. 2, 1770, to Sep. 12, 1773*. XVI. London: Robert Hawes. 1777.

WHITE, Jerry. "The Gordon riots". In: *London Historians*, p. 1-5 (out. 2011). Disponível em: < [https://www.londonhistorians.org/index.php?s=file\\_download&id=45](https://www.londonhistorians.org/index.php?s=file_download&id=45) >. Acesso em: 20 fev. 2018.

WHITEFIELD, G. "Rev. Sir." In: *Gentleman's Magazine*, vol. 9, [August] 1739, p. 428c;

WÖLFFLIN, Heinrich. *Kunstgeschichtliche Grundbegriffe*. Das Problem der Stilentwicklung in der neuern Kunst. München. Bruckmann, 1915.

URBAN, Silvanus (ed.). *Gentleman's Magazine and Historical Chronicle*. London: 1739 – 1791.

WESLEY, John. A moral and physickal thermometer or a scale of the progress of temperance or intemperance. In: *Arminian Magazine*, London, v.13, n.4, p.157 (1790).

### **Referências iconográficas**

BOWLES & CARVER. Tree of life, 1780. In: Página do British Museum, número de acervo 1935,0522.3.51 Disponível em: < [http://www.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details/collection\\_image\\_gallery.aspx?assetId=102315001&objectId=1478968&partId=1](http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details/collection_image_gallery.aspx?assetId=102315001&objectId=1478968&partId=1) >. Acesso em: 20 fev. 2018.

KITCHIN, Thomas Tree of life. 1750-1770. In: Página do British Museum, número de acervo 1906,0823.40. Disponível em: < [http://www.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details/collection\\_image\\_gallery.aspx?assetId=102316001&objectId=1478760&partId=1](http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details/collection_image_gallery.aspx?assetId=102316001&objectId=1478760&partId=1) >. Acesso em: 20 fev. 2018.

S.N. Anônimo. Tree of life, 1750-1770. In: Página do British Museum, número de acervo 1906,0823.40. Disponível em: < [http://www.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details/collection\\_image\\_gallery.aspx?assetId=338770001&objectId=1499214&partId=1](http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details/collection_image_gallery.aspx?assetId=338770001&objectId=1499214&partId=1) >. Acesso em: 20 fev. 2018.

S.N. Jardim de Memória Árvore da Vida. Página da Igreja Anglicana de West Yorkshire and the Dales. Disponível em: < <http://www.westyorkshiredales.anglican.org/content/civic-society-award-tree-life-wakefield-church> >. Acesso em 20 fev. 2018.

THOMPOSN, George Tree of life, 1804. In: Página do British Museum, número de acervo 2000,0930.43. Disponível em: < [http://www.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details/collection\\_image\\_gallery.aspx?assetId=185369001&objectId=691338&partId=1](http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details/collection_image_gallery.aspx?assetId=185369001&objectId=691338&partId=1) >. Acesso em: 20 fev. 2018.

PROMETHEUS. Beschreibungscoach. Disponível em: < <http://prometheus-bildarchiv.de/files/modules/method-coach/beschreibungscoach/> . Acesso em: 20 de fevereiro de 2014.





Figura 23: George Thompson. *A árvore da vida* [1804]



Fonte: Acervo de gravuras do Museu Britânico, número do acervo 2000,0930.43